

A ESQUERDA  
BASTARDA



LANDISVALTH LIMA

A ESQUERDA  
BASTARDA

**!ivronovo**

São Paulo, 2011

# livronovo

**Editor responsável**

Zeca Martins

**Projeto gráfico e diagramação**

Claudio Braghini Junior

**Controle editorial**

Manuela Oliveira

**Capa**

Zeca Martins

**Revisão**

Marcio Friedl

Esta obra é uma publicação da

**Editora Livronovo Ltda.**

CNPJ 10.519.6466.0001-33

www.livronovo.com.br

@ 2010, São Paulo, SP

Impresso no Brasil. *Printed in Brazil*

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

L732e

Lima, Landisvalth

A esquerda bastarda / Landisvalth Lima. -- São Paulo: Livronovo, 2011.

168 p.

ISBN 978-85-8068-013-3

Inclui Bibliografia

1. Instituições públicas - Poder. 2. Política. I. Título.

CDD - 320.981

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser copiada ou reproduzida por qualquer meio impresso, eletrônico ou que venha a ser criado, sem o prévio e expresso consentimento dos editores.

Ao adquirir um livro você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por trans-formar boas ideias em realidade e trazê-las até você.

A  
Ana Dalva  
Héstia Raíssa  
Pétala Tâmisia  
e Landisvalth Filho,  
em Heliópolis – Bahia –  
porque a palavra é Família.

A  
Dona Mariá,  
do Colégio do Salvador,  
em Aracaju – Sergipe –  
porque a palavra é Educação.

A  
Marina Silva,  
em Rio Branco – Acre –  
porque a palavra é Brasil.



*“Enquanto houver, neste País, um só homem sem trabalho, sem pão, sem teto e sem letras, toda a prosperidade será falsa.”*

(Tancredo Neves)

*“Chega de construir escolas faraônicas, e depois enchê-las de professores mal pagos e mal preparados, junto com estudantes desmotivados e sem condições materiais e psicológicas para terem um bom aproveitamento.”*

(Fernando Henrique Cardoso)

*“Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com a diferença.”*

(Luís Inácio Lula da Silva)





# PREFÁCIO

Como toda boa narrativa, o inesperado nos arrebatava e modificava mais uma vez a trajetória e até mesmo o lugar comum. O contemporâneo está vivo nestas páginas que reluzem o sol do semiárido baiano (inclusive as leituras feitas por esse aprendiz que escreve estas breves linhas). Os personagens aqui presentes estão no nosso campo de visão e, por ser professor o intrometido em questões sociais do nosso cotidiano, também vejo-me nos diálogos, nas inquietações, nos desejos.

A exemplo de *A mulher do pé de cabra*, Landisvalth nos presentearia com o nosso espaço, o semiárido, e com ritmo de uma narrativa que é o mesmo: vivo, instigante e apaixonante – por aqui se encerram as semelhanças.

*A Esquerda Bastarda* nos presentearia também com uma temática alheia à produção literária, inclusive aos cânones da nossa literatura tida como regionalista: a organização política e o cotidiano escolar.

Ali somos presenteados com a figura forte de Constantino e Isabel Ribeiro, um casal que foge aos padrões de nosso ethos em que os cônjuges tem vida própria, independente, mas nem por isso, mal amados, distantes uns dos outros. É exatamente essa condição de assumirem seus papéis como agentes da transformação que ambos se unem. Os raros momentos explicitados no texto em que ocorrem afagos e beijos revelam a intimidade, o desejo, o elo que une os dois.

O professor Constantino traduz o que de mais importante nos ensinou Paulo Freire: o educador em um agente político de transformação social, cuja presença do diálogo é uma constante na vida daquele professor. O cotidiano escolar é alimentado pela práxis dos agentes públicos e por isso todos os sujeitos daquele ambiente tem no discurso próprio essa imersão do particular à escola, no geral – o governo do Estado e do Município. As várias discussões com todos e o professor Constantino revelam essa prática.

Entretanto, o leitor acaba sendo convidado a participar de uma sequência de traições, segundas intenções e agressões. Práticas que apimentam o enredo produzindo no novo personagem, o leitor, a sensação de que algo deva ser feito. E com surpreendente desfecho Landis (é assim como muitas vezes o trato e o tratamos – os mais íntimos) nos arrebatando, nos surpreende, nos choca. Aquela sequência cinematográfica, de fazer inveja a Hollywood e ao capitão Nascimento (em Tropa de Elite), promove em A Esquerda Bastarda um momento de êxtase.

Estaria Landis nos presenteando com um romance-reportagem pelo fato de citar alguns nomes de pessoas de carne e osso - como diriam por aí?, tratando de lugares reais, dando nomes verdadeiros de ambientes localizados no mapa oficial? Deixamos isso para os nossos leitores, agentes/sujeitos principais do destino de uma obra. Vide Cidade de Deus, entre outras pérolas da nossa produção literária recente, para não remontarmos a outros momentos e produções históricas deste país-continente. A única certeza que temos é que a literatura brasileira ganhou um romance delicioso, instigante, envolvente, atualíssimo e contribuidor para o engrandecimento das letras baianas e brasileiras.

**Marcos José de Souza**

*Mestre em educação*

*Professor de Língua Portuguesa no ensino médio da rede estadual  
da Bahia*

*tempo de estio*

*03 de dezembro de 2010*

*Fátima-BA*

## PRÓLOGO

Precisamos urgentemente ter a coragem de denunciar a hipocrisia. Hoje, daqui desta penitenciária, posso divisar melhor o mundo em que vivemos. Nele não cabem os homens de boa vontade. Essa história de que respiramos democracia por todos os poros é uma falácia. Não temos sequer um estado ainda constituído. Qual três Poderes uma pinoia! Há um Poder que manda, e os outros confirmam as ordens. O Executivo está no controle, teleguiado pelo poder econômico das grandes empresas. Faça um levantamento das principais contribuições de campanha da última eleição. Lá estão os comandantes da nação, dos estados e municípios. Controlam construtoras, bancos, grandes prestadoras de serviços, grandes grupos do ramo das comunicações. Todos tirando do estado o combustível do Poder.

Tudo isso seria aceito se não tivéssemos aprendido nas universidades que os oprimidos, quando no Poder, teriam a missão inadiável de ajustar a sociedade a um plano mais humano, menos capitalista, mais solidário, menos individualista. Quando a esquerda assumiu o Poder, mostrou que era competente. Calou a direita capitalista e centralizadora de riquezas e mostrou que era possível crescer e distribuir. Não há mais inflação, a miséria está sendo debelada pelo Bolsa Família, estamos crescendo muito bem, há enorme geração de emprego e nunca foi tão fácil o acesso ao crédito. Melhoramos?

Antes de responder, procure saber os lucros dos bancos, veja quais são as empreiteiras que fazem as grandes obras hoje se não são as mesmas de outrora, repare a taxa do seu cheque especial, observe quais as faixas salariais que são obrigadas ao pagamento do imposto de renda e relacione os escândalos envolvendo membros de partidos considerados até então intolerantes com a corrupção. Principalmente, dê uma olhadinha na lista dos novos filiados dos partidos de esquerda e centro-esquerda ditos da base de sustentação do governo, principalmente no Senado, na Câmara dos Deputados, nas Prefeituras do país e nas Câmaras de Vereadores. Em seguida, veja a lista dos políticos que considerávamos de direita em um passado não muito distante.

O que de fato aconteceu foi que pintaram a casa. Deram uma geral no seu quintal. Melhoraram o telhado. Varreram a casa, tiraram a poeira dos móveis, arrumaram a casa e tiraram as ervas daninhas do jardim. O problema é que as paredes são as mesmas erguidas sobre frágeis alicerces, e o lixo foi colocado debaixo do tapete vermelho ornado com uma estrela, com a foice e o martelo. Pode até estar bonita e chamar atenção, mas um dia vai ruir. Para ficar mais claro, implementaram algumas mudanças econômicas e sociais e estão se utilizando de uma estrutura arcaica e cheia de vícios para viver o máximo possível de tempo no Poder.

Os dois últimos presidentes, o sociólogo e o operário, perderam a chance histórica de transformar o Brasil em um país, no sentido lógico e pleno da palavra. Hoje, de braços com a direita, aceitando Cuba sem democracia, desfilando com Ahmadinejad, ignorando os oprimidos daqui e dos vários cantos do mundo e desejando o controle do pouco que temos de imprensa livre, essa esquerda jogou na lata do lixo sua história e seus princípios.

Não sei se no meu relato aqui vou conseguir passar aquilo que quero. Meus atos foram direcionados a mostrar que estamos no caminho errado. Creio que o melhor seria a social democracia e vejo que estamos entre o populismo disfarçado e o capitalismo oportunista. Ainda podemos corrigir o rumo, mas sei hoje que o meu ato ajudou muito mais a mim do que ao país. Minha esposa é hoje Deputada Federal pelo Partido Verde, estou com contratos importantes para transformar minha história

em filme, minissérie e peça de teatro. Estou ficando rico, famoso, e o país ainda não deu mostras de que vai mudar.

Liguem as câmeras, senhores e senhoras. Apertem a tecla *rec* de seus gravadores de vozes e vejam a história de um lugar perdido entre o sertão e o agreste, cravado na divisa da Bahia com Sergipe, distante daqui uns 150 quilômetros. É uma miniatura do que acontece neste país destinado a ser grande, mas que parece arrastar-se por séculos, regado pelo sangue e pelo sacrifício de uma classe média espremida entre a fome insaciável dos ricos e o lamento faminto dos pobres.

# CAPÍTULO I

Eu nunca imaginava que aquela aula mudaria minha vida completamente. Passei a observar mais criticamente meus alunos e colegas. Decididamente, o mundo jamais seria transformado pela educação que fazíamos ali. Tudo isso descobri durante uma ensolarada manhã de sexta-feira em Heliópolis. Estava em uma sala da segunda série do Ensino Médio. Pousava o mês de maio, e o assunto era o escritor cearense José de Alencar. Aurélia Camargo e Fernando Seixas estavam remediavelmente separados no mesmo espaço de convívio, e eu, tomado pelo enigma do enredo, campeava palavras interpretativas, distribuindo-as aqui e ali nos limites da sala. Caminhava para a conclusão da explicação quando a pergunta atingiu o centro do meu ser transformador:

- Professor, o senhor está de branco hoje porque é do candomblé?

Não importa a resposta que dei. Aliás, não dei resposta alguma. A sirene soou. Em meio a alguns risos, disse que depois daria uma resposta. Como são as perguntas a base, o elemento básico e fundamental, aqui pouco importa o que respondi. Sei que aquela fatal pergunta me colocou diante de uma realidade: tudo estava confuso e caminhando para o nada. Aquela escola tinha um futuro certo: a decadência. Já há algum tempo, eu sabia que o Colégio Estadual de Heliópolis tinha as piores médias em provas nacionais e estaduais. As notas dos alunos em Língua Portuguesa, em minhas turmas, eram catastróficas. Pensei até que fosse o impacto da mudança de professor, da mudança do estilo de aula. Mas foi aquela bendita pergunta que me moveu a deixar de aceitar tudo como natural. Não era! Desde que fui nomeado, uma voz bradava sobre tudo, mas só a pergunta me fez acordar para a realidade.

Segui para a sala dos professores. Lá já estavam quase todos. Muitos haviam abandonados seus alunos antes mesmo do toque da sirene. Era comum. No ambiente, reinava uma alegria artificial. Em meio a conversas banais e piadas repetitivas, passei a estudar cada um dos professores. Lá estavam: Carlos Eugênio, professor de Filosofia; Deusa Oliveira, colega de Língua Portuguesa; Max Almeida, de Matemática; Quirino Lopes, de Física;

Fernando Andrade, de Química; Judélio Oliveira, de Geografia; Solano Bello, de Inglês; Ticiano Claudino, de Biologia; e Rivina Andrade, de Educação Física e Vice-diretora. Não estavam presentes Silvio Bilão, de Língua Portuguesa, e a Diretora, Rosa Borges. Parte significativa do problema da decadência da escola estava naquela sala. Precisava iniciar algo de produtivo. Com os meus alunos até que caminhávamos. Nos últimos dois anos, desenvolvemos trabalho na área de linguagem. Duas turmas produziram peças teatrais, e as outras duas fizeram um filme. Os alunos, quando convocados, ficam entusiasmados e progridem. Mas isso, por si só, não era suficiente.

Foi aí que resolvi conversar individualmente com cada professor. Estava disposto a colocar uma equipe na direção da escola para desenvolver um trabalho pioneiro. Carlos Eugênio foi o primeiro escolhido.

- Carlos Eugênio, não é nada pessoal, mas a diretora atual não está nem aí para o desenvolvimento da escola. Vamos aproveitar essa mudança de governo no estado e formar uma nova equipe de diretores para melhorar os índices nas avaliações.

- Quem, Constantino, poderia ser o diretor?

- Ora, tem você..

- Não conte comigo! Eu era ligado ao governo anterior. Duvido que me nomeiem.

- O Fernando Andrade...

- Ele está aguardando a nomeação para coordenador pedagógico e não pode assumir. Não é concursado. Ele é contrato.

- Restaria o Ticiano Claudino.

- Você é doido! O cara está pedindo redução de jornada. Está com três empregos. Não daria conta, Constantino. Além do mais, Rosa Borges é uma diretora que não faz nada, mas não incomoda. Por que tirá-la?

Carlos Eugênio era formado em Filosofia pela Universidade Católica de Salvador. Passou em concurso para professor da rede estadual da Bahia. A única vaga existente era em Fátima, município vizinho a Heliópolis. Quando ele foi convocado, eu já era professor do estado, também em Fátima. Dava-lhe sempre carona para o trabalho e aprendi a conhecê-lo melhor. Era verdadeiramente uma personalidade em constante contradição. Conflituoso por excelência. Antes, para mim,